

Artes plásticas

Geraldo Ferraz

9.º Salão Paulista
de Arte Moderna

Aberto o IX Salão Paulista de Arte Moderna, a preocupação é saber-se se há alguma revelação, se alguma nova tendência se manifesta, mais nitidamente, acentuando ou rejeitando a predominância de pintura, escultura e artes gráficas, do salão anterior. Rigorosamente, desde o aspecto material da exposição deve ser considerado.

Apresenta-se o Salão com uma iluminação melhor, mas o arranjo é quase grotesco, desde que não se pretende o rustico, na utilização de tantos arames, no desleixo com que alguns trabalhos aparecem jogados na exposição. Assim, a iluminação acentua a negligência, que, diga-se a verdade, não é generalizada. Com um pouco de atenção dos próprios expositores, seria fácil corrigirem-se algumas falhas; outras, porém, requereriam mais demorado trabalho.

O Salão, como se sabe, compreende pintura, escultura, arquitetura e arte decorativa. Pela ordem qualitativa de cada técnica, a pintura predomina, segue-se a arquitetura; depois a escultura e, finalmente, a arte decorativa, em que há o máximo do inaceitável.

Um total de 323 peças e denominações (pois há o caso de um número abranger várias peças), enche a Galeria Prestes Maia, servida por um catálogo a que não faltou uma idéia publicitaria. Mas deveríamos exigir um pouco mais de trabalho, para que os títulos

dos trabalhos tivessem, também, uma sumária indicação do material utilizado. Como nem todos os quadros, esculturas e desenhos, trazem datas, seria interessante assinalá-las, e isso não custaria muito. Nem todos tornam a data um título, como Therezinha de Jesus Brunetti, que ao trabalho n.º 258 intitulou, simplesmente, "1960".

Não há uma tendência mais predominante na pintura do que a informal, já constante do Salão anterior. Pela unidade dos trabalhos apresentados, pela segurança com que os apresenta, Tomie Otake singulariza-se; outra pintora de recuperação num plano de alta qualidade é Maria Leontina, cuja tela 75 da serie dos "Episódios" recorda a sensibíllissima colorista das naturezas mortas de 1951-53. Um quadro de Raimo, dois de Sheila Brannigan, três de Fukushima, e a primeira camada dos pintores parece estar completada.

Não se pode dizer que haja progressos na gráfica, pois apenas Maria Bonomi e Dorothy Bastos prosseguem cada uma em sua direção; Darcy Penteado, Zaluer e Arnaldo são os desenhistas.

Estamos apenas assinalando os casos índices, mais destacáveis no conjunto. A escultura merecerá um exame pormenorizado, porque nada nela se destaca, mesmo quando surge a tentativa de Luís Saciloto. No caso da arte decorativa, já mencionamos que existe mesmo o inaceitável.